o vai conceder todos os bônus necessários para que [illegible] alunos possam [illegible] anual.

[illegible] desde o ensino p[illegible] no superior, sendo [illegible] do Sr. Ministro Julio [illegible] da clima de harmonia [illegible] e alunos que [illegible]. Por isso, Senhor Presidente, como um dos repre[illegible] brasileiro, [illegible] ao longo que [illegible] haver uma reforma [illegible], ou, quem sabe, [illegible] dever, como [illegible] Trabalhista Brasileiro, [illegible] ao Sr. Presidente João Goulart para que, independente de partidos, acima de lepismos e de ações partidárias, o Ministro Júlio Sambaquy permaneça à frente da Pasta da Educação pelos relevantes serviços que S. Ex.ª vem prestando àquele Ministério. Com a sua experiência, com o seu amor à causa do ensino, à democratização da cultura, S. Ex.ª, que começou como continuo naquela Casa e hoje, mercê do seu esfôrço, chegou a Ministro de Estado, merece o respeito de todos os brasileiros e nós neste momento formulamos um apêlo ao Sr. Presidente da República para que o Ministro Júlio Sambaquy continui naquele Ministério, prestando ao Brasil os relevantes serviços que vem prestando. (*Muito bem*).

O SR. ABEL RAFAEL:

(*Para uma comunicação — Sem revisão do orador*) — Sr. Presidente, Srs. Deputados, o que eu exibo à apreciação do plenário é uma folhinha de calendário. Tem 12 páginas em fino papel "couché", presas por um grampo de matéria plástica, e em cada página uma verdadeira obra de arte fotográfica.

Quem distribui êsse calendário, Senhor Presidente? Geralmente quem dá calendário é uma casa comercial que quer vender os seus produtos, é uma forma que anuncia os seus produtos. Que firma é esta, que dá êsse calendário, que deve custar no mínimo 500 cruzeiros?

Isto é uma obra de arte. Qual a casa comercial que as distribui? A casa comercial se chama União Nacional dos Estudantes. Faz propaganda de quê, Sr. Presidente? Sim, porque ninguém dá uma folhinha dêste tipo, muito bem ilustrada, e ainda com versos, a não ser com o intuito de fazer propaganda de alguma coisa. Então, de que faz propaganda a União Nacional dos Estudantes? Faz propaganda da subversão com o dinheiro que esta Casa, todos os anos, investe somente, lhe consigna no orçamento. É a subversão, Sr. Presidente.

Aqui temos, por exemplo, na primeira página, a figura de um negro velho com um toco de charuto na boca e os seguintes versos:

"Liberdade,
que liberdade?
Da fome
da dor
da miséria
da morte
da humilhação?
Que liberdade?
o que é então
a liberdade?"

Começou o incentivo à luta de classes, porque tudo que a UNE faz está dentro do mesmo plano daquela cartilha na Universidade de Brasília e que está demonstrado, do mesmo plano, do plano de alfabetização Paulo Freire, que é para formar uns brasileiros contra os outros, criando a luta de classes, jogando o pobre contra o rico, jogando o humilde contra o poderoso, jogando irmão contra irmão.

Temos, na segunda página, um pretinho, vendedor de jornais, espiando a vitrina de uma casa de cosmetivos. Os versos são:

"E ao bater vai batendo
em cada porta que bate
bate a fome de um menino
na pedra de tantas faces
Em cada porta fechada
em alheia e muda casa
a porta sempre fechada
a porta sempre fechada
— mais o mesmo com fome
bate que vai batendo
na pedra de tantas faces.

Os versos foram todos escolhidos, justamente para frisar que existe miséria, que existem os poderosos, que existe quem pisa na face de quem sofre com a fome, com a miséria, a fim de atiçar uns contra os outros.

Sr. Presidente, aqui está fotografia que deve ser de uma favela do Rio de Janeiro ou da Cidade Livre, aqui em Brasília, onde se lê:

"O que fêz você arquiteto?
.....
Você só fêz atender
a homem que tem dinheiro,
que vê o pobre sofrer
e descansa o ano inteiro
na bela casa grã-fina
que fêz você projetar,
esquecido que essa mina
um dia vai acabar".

A pregação é completa, Sr. Presidente; a pregação não fala apenas na miséria, mas também suscita revolução.

Depois, há o retrato de uma oficina e êstes dizeres:

"Você faz
alguém aproveita
o chão
o muro
a casa
a prole
êles só no mole
você faz e êles engolem".

O texto é conclusivo, Sr. Presidente. E isto é distribuído, sob os olhos do Ministério da Educação, pela UNE.

Aqui, os versos são longos e não vou ler todos. Mas há outros melhores.

Eis uma casa de sapê, com duas criaturas na janela. Também não vou ler os versos. Esta pobre velha está apoiada num bastão.

Mas há aqui uns versos deliciosos. O verreto é de um candelabro de cristal, riquíssimo. Belos versos:

"Senhores Donos da Terra
juntai vossa rica fralda
vosso cristal, vossa prata
luminosa em vossa toalha.
Juntai vossos ricos trapos
Senhores Donos da terra
que os nossos pobres farrapos
nossa juta e nossa palha
vêm vindo pelo caminho
para manchar vosso linho
com o barro da nossa guerra
e a nossa guerra não falha!
Nossa guerra forja e funde
o operário e o camponês;
foi êle quem fêz o fôrno
onde assa o pão que comeis
com seu martelo e seu fôrno
sua lima e sua fornalha,
foi êle quem fêz o fôrno
onde asta o pão que comeis."

Isto é muito bonito, Sr. Presidente, e, principalmente para a UNE, é de uma beleza sem par. Há outras figuras: de um operário comendo a comida de sua marmita junto à caldeira da fábrica e com versos também apropriados.

Sr. Presidente, isto é uma folhinha rica — deve custar Cr$ 500,00 cada uma. E dada de graça, pela UNE, distribuída no Brasil todo, para pregar algum ensinamento; para fazer propaganda contra a alfabetização; para dizer que o homem pobre, nesta democracia, pode subir e um dia, inclusive, tornar-se Presidente da República; que houve um Presidente da República que era filho de uma professora em Diamantina e que, depois, telegrafista, trabalhando de dia e estudando de noite, chegou a ser Presidente da República; que, no Brasil, qualquer um pode alcançar a Presidência da República? Não. É um ensinamento que a UNE faz, com o dinheiro que leva desta Casa, para espalhar calendários riquíssimos como êste. E mais dêste calendário, há outra marmelada. Alguém comeu alho na sua conferência e quis isto para formular revolução. São inutilidades que o Ministério da Educação está apreciando todos os dias e não toma providências. Êste calendário está dentro da mesma linha de subversão da cartilha de Brasília que denunciei, e para a qual existe uma Comissão Parlamentar de Inquérito nesta Casa que, para vergonha nossa, até hoje não tomou nenhuma medida com referência à cartilha, nem ao ensino superior, porque também na parte do ensino superior, por exemplo, Universidade Nacional de Brasília e outro ISEB, só ensina marxismo, só cuida de marxismo. O ensino no Brasil está todo virado para êsses aspectos de lutas de classe, de idealismo germânico no sentido de Carlos Marx, procurando sempre subverter, inverter os valores. É isto que está procurando. Agora, prova nós vamos ter aí, dois, três ou cinco milhões de revoltosos saídos do fôrno, pretinhos, assim fresquinhos, estalando. Sr. Presidente, porque o Sr. Paulo de Tarso, que é um grande católico inventou e foi buscar no Recife o Senhor Paulo Freire que é outro grande católico — que nada tem a ver com o nosso colega Paulo Freire — que é um grande professor que por sua vez encontrou um grande processo de alfabetizar. Eu também sou professor e esta Casa está cheia de professôres, e todos sabemos que alfabetizar é uma técnica, um processo, nada tem a ver com subversão, mas, quando se põe nas suas palavras-chaves palavras com sentido revolucionário para depois serem adotadas em livros, em textos para dar ao alfabetizando, então sabemos que estão seguindo para um rumo certo: para a subversão. Lamento que o Ministro da Educação de hoje, homem tão ilustre, como o Sr. Júlio Sambaqui, ainda não tenha pôsto côbro a essa imoralidade, não tenha pôsto côbro a êsse sistema de revolução que se opera dentro do seu Ministério, porque tenho confiança no Sr. Júlio Sambaqui, homem de grandes qualidades, um democrata. Por que S. Ex.ª aceita isso? Por que aceita o rumo dessas coisas que estamos todos dos dois denunciando? Será que o malefício carcomido do senso crítico do Sr. Júlio Sambaqui? Será que o amor ao Ministério concedeu tantos Deputados diretos que sairam dêste Casa e depois não têm a hombridade de abandonar o Ministério quando o Govêrno nos está levando para um rumo de comunismo? Tem muita gente que diz que sou sectário, não sou sectário, sou marxista, marxismo; sectário como que uma aparência geral de comentar as coisas mas vamos dizer no sentido comunista, marxista "no duro". O amor às posições cegou (*sic*) homens a tal ponto?

Tenho esperança de que os homens de bem se levantem e reajam contra atos inocentes na aparência, como êste da UNE, que vende crime sim, baderna, erro e feitio: apresenta seus produtos, distribui uma folhinha e seu produto, realmente, é esta revolução. Ou será que não sabemos ler nas entrelinhas? Será que não sabemos distinguir os textos?

Há tanta coisa bonita, tantos versos bonitos para ilustrar a folhinha que a UNE quer distribuir; há tanta coisa bonita, desde os versos patrióticos de Olavo Bilac até os contos patrióticos de Coelho Neto. Há tanta coisa bonita em nossos contos antigos e modernos, em nossa literatura nacional e vão buscar na literatura aquilo que tem, pelas palavras, sentido subversivo, que tem sentido de mistificar a atual economia, porque não critico conteúdos e mais conteúdos e a quem é a quem modificar, não para dar felicidade ao povo, mas para conquistar o poder, porque, infelizmente, não tem [illegible] e comunistas e nomes [illegible] diante de homens ambiciosos [illegible] poder (que buscar o marxismo e o comunismo, como bem sabem outras entidades e, amanhã, se puderem, conseguem o poder.

Está em nossas mãos, no próximo orçamento, cortar a verba da UNE, da UBE e de tantas outras entidades que fazem revolução com dinheiro que nós lhes damos. (*Muito bem. Palmas*)

O SR. LYRIO BERTOLLI:

(*Para uma comunicação — Sem revisão do orador*) — Sr. Presidente, Srs. Deputados, pretendo abordar o problema da transferência da Escola Nacional de Florestas, de Viçosa, para o Estado do Paraná.

Tenho em mãos diversos expedientes que dizem respeito ao assunto. Um dêles é uma carta do Diretor da Organização das Nações Unidas, para Agricultura e Alimentação, dirigida ao Sr. Oswaldo Cavalcanti da Costa Lima Filho.

Êsse expediente, que é de 29 de dezembro de 1961, diz o seguinte:

"Excelência:

Tenho a honra de referir-me ao Plano de Operação do Projeto UNSF — Escola Nacional de Floresta, Viçosa, assinado em 29 de dezembro de 1961 no Rio de Janeiro pelo Govêrno do Brasil pelo Fundo Especial das Nações Unidas e pela Organização Agrícola de Alimentação como Agência Executiva.

Destina-se êste Projeto a:

1. prover o país de uma Escola Nacional de Floresta de nível universitário para formar engenheiros florestais do mais alto nível profissional, e

2. estabelecer uma Organização de Pesquisa Florestal no país.

Para a implantação dêste Projeto, estabeleceu-se em Viçosa uma Escola Florestal Nacional em coordenação com a Universidade Rural do Estado de Minas Gerais. Três estações de experimentação e pesquisas florestais estão em processo de iniciação. Encontram-se localizadas em Viçosa, na região dos pinheirais do Paraná e em Santarém. Êste último centro trabalha em conexão com o centro de treinamento de madeireiros e serrarias o qual foi instalado em operação na região amazônica desde 1955, com ajuda do EPTA.

A partir do início de operação do Projeto que começou em 13 de fevereiro de 1962, tornou-se óbvio que as condições em Viçosa, não eram satisfatórias para o treinamento de engenheiros florestais. A experiência através do dezoito meses confirmou que será muito difícil e mesmo impossível em alguns setores, fornecer as bases essenciais para um programa de educação florestal em Viçosa. O fator mais importante é que as florestas para treinamento e demonstração são inalcançáveis naquela região. Conseqüentemente, não existem operações industriais e mercados florestais. Tôdas essas atividades são uma parte essencial da moderna silvicultura tanto quanto para qualquer programa

o vai conceder tôdas as bôlsas necessárias para que êsses alunos possam [illegible] o ensino primário.

[illegible] de ensino, desde o ensino p[illegible] do e no superior, [illegible] o Sr. Ministro Julio [illegible] do clima de [illegible] e alunos que [illegible]. Por isso, Senhor Presidente, como um dos representantes do povo brasileiro, [illegible] que [illegible] ao longo que [illegible] haver uma reforma [illegible] ou, quem sabe, [illegible] do nosso dever, o [illegible] Partido Trabalista Brasileiro, fazer apêlo ao Sr. Presidente João Goulart para que, independente de partidos, acima de legendas e de siglas partidárias, o Ministro Julio Sambaqui permaneça à frente da pasta da Educação pelos relevantes serviços que S. Exª vem prestando àquele Ministério. Com a sua experiência, com o seu amor à causa do ensino, à democratização da cultura, S. Exª, que começou como contínuo naquela Casa e hoje, mercê do seu esfôrço, chegou a Ministro de Estado, merece o respeito de todos os brasileiros e nós neste momento formulamos um apêlo ao Sr. Presidente da República para que o Ministro Júlio Sambaqui continui naquele Ministério, prestando ao Brasil os relevantes serviços que vem prestando. (*Muito bem*).

O SR. ABEL RAFAEL:

(*Para uma comunicação — Sem revisão do orador*) — Sr. Presidente, Srs. Deputados, o que eu exibo à apreciação do plenário é uma folhinha de calendário. Tem 12 páginas em último papel "couché", presas por um grampo de matéria plástica, e em cada página uma verdadeira obra de arte fotográfica.

Quem distribui êsse calendário, Senhor Presidente? Geralmente quem faz calendário é uma casa comercial que quer vender os seus produtos, é uma forma que anuncia os seus produtos. Que firma é esta, que dá êsse calendário, que deve custar no mínimo 500 cruzeiros?

Isto é uma obra de arte. Qual a casa comercial que as distribui? A casa comercial se chama União Nacional dos Estudantes. Faz propaganda de quê, Sr. Presidente? Sim, porque ninguém dá uma folhinha de êste tipo, muito bem ilustrada, e ainda com versos, a não ser com o intuito de fazer propaganda de alguma coisa. Então, de que fêz propaganda a União Nacional dos Estudantes? Fêz propaganda não da subversão com o dinheiro que esta Casa, todos os anos, inconstitucionalmente, lhe consigna no orçamento. É a subversão, Sr. Presidente.

Aqui temos, por exemplo, na primeira página, a figura de um negro velho com um colo de charuto na boca e os seguintes versos:

"Liberdade
que liberdade?
La fome
da [illegible]
da miséria
da morte
da humilhação?
Que liberdade?
o que é então
a escravidão?"

Começou o incentivo à luta de classes, porque tudo que a UNE faz está dentro do mesmo plano daquela cartilha na Universidade de Brasília e que eu denunciei, do mesmo plano, dêsse plano de alfabetização Paulo Freire, que é para lançar uns brasileiros contra os outros, criando a luta de classes, jogando o pobre contra o rico, jogando o humilde contra o poderoso, jogando irmão contra irmão.

Temos, na segunda página, um pretinho, vendedor de jornais, espiando a vitrina de uma casa de comestíveis. Os versos são:

"E ao bater vai batendo
em cada porta que bate
bate a fome dêste menino
na pedra de tantas faces
Em cada porta fechada
em alheia e muda casa
a porta sempre fechada
a porta sempre fechada
— bate o menino com fome
bate que vai batendo
na pedra de tantas faces.

Os versos foram todos escolhidos, justamente para frisar que existe miséria, que existem os poderosos, que existe quem pisa na face de quem sofre com a fome, com a miséria, a fim de atiçar uns contra os outros.

Sr. Presidente, aqui está fotografia que deve ser de uma favela do Rio de Janeiro ou da Cidade Livre, aqui em Brasília, onde se lê:

"O que fêz você arquiteto?
.....
Você só fêz atender
a homem que tem dinheiro,
que vê o pobre sofrer
e descansa o ano inteiro
na bela casa grã-fina
que fêz você projetar,
esquecido que essa mina
um dia vai acabar".

A pregação é completa, Sr. Presidente; a pregação não fala apenas na miséria, mas também suscita revolução.

Depois, há o retrato de uma oficina e êsses dizeres:

"Você fez
alguém aproveita
o chão
o muro
a casa
a prole
êles só no mole
você faz e êles engolem".

O texto é conclusivo, Sr. Presidente. E isto é distribuído, sob os olhos do Ministério da Educação, pela UNE.

Aqui, os versos são longos e não vou ler todos. Mas há outros melhores.

Eis uma casa de sapê, com duas criaturas na janela. Também não vou ler os versos. Esta pobre velha está apoiada num bastão.

Mas há aqui uns versos deliciosos. O retrato é de um candelabro de cristal, riquíssimo. Belos versos:

"Senhores Donos da Terra
juntai vossa rica tralha
vosso cristal, vossa prata
luzindo em vossa toalha.
Juntai vossos ricos trapos
Senhores Donos da terra
que os nossos pobres farrapos
nossa fuga e nossa palha
vêm vindo pelo caminho
para manchar vosso linho
com o barro da nossa guerra
e a nossa guerra não falha!
Nossa guerra forja e funde
o operário e o camponês;
foi êle quem fêz o fôrno
onde assa o pão que comeis
com seu martelo e seu tôrno
sua lima e seu torquês,
foi êle quem fêz o fôrno
onde assa o pão que comeis."

Isto é muito bonito, Sr. Presidente, e, principalmente para a UNE, é de uma beleza sem par. Há outras figuras: de um operário comendo a comida de sua marmita junto à caldeira da fábrica e com versos também expressivos.

Sr. Presidente, isto é uma folhinha rica — deve custar Cr$ 500,00 cada uma. É dada de graça, pela UNE, distribuída no Brasil todo, para pregar algum ensinamento; para fazer propaganda contra a alfabetização; para dizer que o homem pobre, nesta democracia, pode subir e um dia, inclusive, tornar-se Presidente da República; que houve um Presidente da República que era filho de uma professora em Diamantina e que, depois telegrafista, trabalhando de dia e estudando de noite, chegou a ser Presidente da República; que, no Brasil, qualquer um pode a chegar a Presidente da República? Não. É em casamento que a UNE faz, com o dinheiro que leva desta Casa, para espalhar calendários rigorosamente como êste. E atrás dêste calendário há outra marmelada. Alguém comeu alho na sua confeição e tudo isto para fomentar revolução. São inconstitucionais que o Ministério da Educação está apreciando todos os dias e não toma providências. Este calendário está dentro da mesma linha de subversão da cartilha de Brasília que denunciei e para a qual existe uma Comissão Parlamentar de Inquérito nesta Casa que, para vergonha nossa, até hoje não tomou nenhuma medida com referência à cartilha, nem ao ensino superior, porque também na parte do ensino superior, por exemplo, Universidade Nacional de Brasília é outro ISEB, só ensina marxismo, só cuida de marxismo. O ensino no Brasil está todo virado para êsses aspectos de lutas de classe, de idealismo germânico no sentido de Carlos Marx, procurando sempre subverter, inverter os valores. É isto que está procurando. Agora, prova nós vamos ter aí, dois, três ou cinco milhões de revoltosos saídos do fôrno, prontinhos, assim fresquinhos, estalando, Sr. Presidente, porque o Sr. Paulo de Tarso, que é um grande católico inventou e foi buscar no Recife o Senhor Paulo Freire que é outro grande católico — que nada tem a ver com o nosso colega Paulo Freire — que é um grande professor que por sua vez encontrou um grande processo de alfabetizar. Fu também seu professor e esta Casa está cheia de professôres, e todos sabemos que alfabetizar é uma técnica, um processo, nada tem a ver com subversão, mas, quando se põe nas suas palavras-chaves palavras com sentido revolucionário para depois serem anotadas em livros, em textos para dar ao alfabetizado, então sabemos que estão seguindo para um rítmo certo: para a subversão. Lamento que o Ministro da Educação de hoje, homem tão ilustre, como o Sr. Júlio Sambaqui, ainda não tenha dêste cêro a essa imoralidade, não tenha nêste cêro a êsse sistema de revolução que se corre dentro do seu Ministério, porque tenho confiança no Sr. Júlio Sambaqui, homem de grandes qualidades, um democrata. Por que S. Exª, aceita isto? Por que aceita o rumo dessas coisas que estamos todos os dias denunciando? Será que o malefício cerro chamuscou o senso crítico do Sr. Júlio Sambaqui? Será que o amor ao Ministério encontra os Deputados dêstes que sem dúvida Casa e depois não tem humildade de abandonar o Ministério quando o Govêrno nos está levando para um rumo de escravidão? Tem muita gente que dá a cinza esquerdismo não científica marxismo, marxismo; científica como uma esperança geral de comentar na coisas mas vamos dizer no sentido comunista, marxista "no duro". O amor às posições cegou êsses homens a tal ponto?

Tenho esperança de que os homens de bem se levantem e reagem contra atos inocentes na aparência, como êste da UNE que vende como sica, bacalhau, arroz e feijão; apresenta seus [illegible] atributos [illegible] a folhinha e seu produto, realmente, é esta revolução. Ou será que não sabemos ler nas entrelinhas? Será que não sabemos distinguir os textos?

Há tanta coisa bonita, tantos versos bonitos para ilustrar a folhinha que a UNE quer distribuir; há tanta coisa bonita, desde os versos patrióticos de Olavo Bilac até os contos patrióticos de Coelho Neto. Há tanta coisa bonita em [illegible] contos antigos e modernos, em nossa literatura nacional e vão buscar na literatura aquilo que tem, pelas palavras, sentido subversivo, que tem sentido de modificar a atual estrutura, porque não estão contentes com a atual e a querem modificar, não para dar felicidade ao povo, mas para conquistar o poder, porque, infelizmente, não temos na [illegible] e comunistas sinceros. Estamos [illegible] de homens ambiciosos do poder que buscam o marxismo e o socialismo, como homens outros [illegible] e, amanhã, se puderem, conseguirão o poder.

Está em nossas mãos, no próximo orçamento, cortar a verba da UNE, da UNE e de tantas outras entidades que fazem revolução com dinheiro que nós lhes damos. (*Muito bem. Palmas*)

O SR. LYRIO BERTOLLI:

(*Para uma comunicação — Sem revisão do orador*) — Sr. Presidente, Srs. Deputados, pretendo abordar o problema da transferência da Escola Nacional de Florestas, de Viçosa, para o Estado do Paraná.

Tenho em mãos diversos expedientes que dizem respeito ao assunto. Um dêles é uma carta do Diretor da Organização das Nações Unidas, para Agricultura e Alimentação, dirigida ao Sr. Oswaldo Cavalcanti da Costa Lima Filho.

Esse expediente, que é de 29 de dezembro de 1961, diz o seguinte:

"Excelência:

Tenho a honra de referir-me ao Plano de Operação do Projeto UNSF — Escola Nacional de Floresta, Viçosa, assinado em 29 de dezembro de 1961 no Rio de Janeiro pelo Govêrno do Brasil pelo Fundo Especial das Nações Unidas e pela Organização Agrícola da Alimentação como Agência Executiva.

Destina-se êste Projeto a:

1. prover o país de uma Escola Nacional de Floresta de nível universitário para formar engenheiros florestais do mais alto nível profissional, e

2. estabelecer uma Organização de Pesquisa Florestal no país.

Para a implantação dêste Projeto, estabeleceu-se em Viçosa uma Escola Florestal Nacional em coordenação com a Universidade Rural do Estado de Minas Gerais. Três estações de experimentação e pesquisas florestais estão em processo de instalação. Encontram-se localizadas em Viçosa, na região dos pinheirais do Paraná e em Santarém. Este último centro trabalha em conexão com o centro de treinamento de madeireiros e serrarias o qual tem estado em operação na região amazônica desde 1955, com ajuda do EPTA.

A partir do início de operação do Projeto que começou em 12 de fevereiro de 1962, tornou-se óbvio que as condições em Viçosa, não eram satisfatórias para o treinamento de engenheiros florestais. A experiência através de dezoito meses confirmou que será muito difícil e mesmo impossível em alguns setores, fornecer as bases essenciais para um programa de educação florestal em Viçosa. O fator mais importante é que as florestas para treinamento e demonstração são inalcançáveis naquela região. Conseqüentemente, não existem operações industriais e mercados florestais. Tôdas essas atividades são uma parte essencial da moderna silvicultura tanto quanto para qualquer programa